

La Comédiathèque



Calma!

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto se ofrece gratuitamente para su lectura.
Antes de cualquier utilización pública, profesional o amateur, deberá
obtenerse la [autorización del autor](#).**

Calma!

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Uma comédia de sketches em forma de jogo literário. Cada uma das quinze cenas para dois personagens que compõem esta coletânea começa com a mesma réplica: Promete-me que não vais ficar nervoso. Uma oportunidade para abordar com humor os temas mais absurdos... que muitas vezes revelam a nossa mais profunda humanidade.

1 – Primeiro voo.....	3
2 – Fumo cor-de-rosa.....	6
3 – As abelhas.....	9
4 – Invasão.....	12
5 – Voyeuristas.....	15
6 – O Rei dos Idiotas.....	17
7 – Naufrágio.....	19
8 – Quimeras.....	20
9 – Crânio.....	22
10 – O segredo do universo.....	25
11 – Os heróis.....	28
12 – Ressurreição.....	30
13 – Aperitivo.....	32
14 – O tempo.....	35
15 – Os saltimbancos.....	37

© La Comédiathèque

1 – Primeiro voo

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Acabámos de perder um motor.

Dois – Não...? E quantos motores tem este avião?

Um – Dois.

Dois – E dá para voar com um só motor?

Um – Sim... Desde que o outro não falhe também.

Dois – E qual é a probabilidade de os dois motores falharem ao mesmo tempo?

Um – A mesma que ganhar na lotaria, suponho...

Dois – De acordo.

Um – Vês? Não há motivo para entrar em pânico.

Dois – Achas?

Um – Jogas na lotaria?

Dois – Sim.

Um – Alguma vez ganhaste?

Dois – Não.

Um – Pois aí está... Não há motivo para entrar em pânico.

Dois – Certo. Então o que fazemos?

Um – Bem... Damos a volta e voltamos para aterrar.

Dois – Já alguma vez aterraste esta coisa com um só motor?

Um – Não.

Dois – E pensar que é a primeira vez que ando de avião.

Um – Pois...

Dois – Que primeiro voo... Espero que não seja o último.

Silêncio.

Um – Prometes-me que não vais ficar nervoso?

Dois – O que se passa agora?

Um – Perdemos o segundo motor.

Dois – Não...? E este avião consegue voar sem motores?

Um – Pode planar.

Dois – Então podemos aterrar, mesmo sem motor...

Um – Se o aeródromo não estiver muito longe, sim, mas...

Dois – Mas...?

Um – Estamos longe demais para planar até lá.

Dois – Não sei... Podemos aterrar numa estrada ou num campo. Como nos filmes...

Um – Estamos a sobrevoar os Pirenéus há uns bons quinze minutos.

Dois – Nunca mais vou andar de avião.

Um – Infelizmente, é uma possibilidade bastante real...

Dois – Então o que fazemos?

Um – Há uma estrada, mas é muito sinuosa. E está muito movimentada. É fim de semana, as pessoas vão esquiar.

Dois – Ainda temos alguma hipótese de sair desta?

Um – Não está claro, mas... Confias em mim?

Dois – Tenho outra opção?

Um – Não.

Dois – Certo... Posso fazer alguma coisa?

Um – Tens rede?

Dois – Queres que ligue para pedir ajuda?

Um – Infelizmente, não ia servir de nada.

Dois – Então por que perguntas se tenho rede?

Um – Para o caso de queres fazer uma última chamada...

Dois – Uma última chamada? Para quem? Para o meu advogado?

Um – Não sei... Para a tua mulher.

Dois – E o que é que eu lhe digo?

Um – Que a amas, por exemplo.

Dois – Estamos a divorciar-nos. Descobri que ela tinha um caso com o meu melhor amigo.

Um – Liga para o teu melhor amigo.

Dois – Para lhe dizer que o amo?

Um – Para o insultar.

Dois – E isso ia servir para quê?

Um – Tens razão. É melhor manter a dignidade até ao fim.

Dois – Pois...

Um – Podes sempre ligar para lhe dizer que o perdooas.

Silêncio.

Dois – É estranho. Continuo a ouvir um zumbido de ambos os lados do avião... O que é isso?

Um – São os dois motores.

Dois – Mas então...

Um – Que dia é hoje?

Dois – 27 de dezembro, porquê?

Um – 27 de dezembro, tens a certeza?

Dois – Sim. É o dia em que nasci. Queria dar-me ao luxo de voar pela primeira vez no meu aniversário.

Um – 27 de dezembro...? Ah, merda... Desculpa, pensei que já fosse o Dia das Mentiras...

Escuridão.

2 – Fumo cor-de-rosa

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – O Papa morreu.

Dois – Não pode ser... Mas que idade tinha?

Um – Cento e dois.

Dois – Estás a ver... São sempre os melhores que partem primeiro.

Um – Desculpa?

Dois – Não, quero dizer... Às vezes os piores são os últimos a partir. Bem, percebes.

Um – Como se diz lá em cima, os primeiros serão os últimos.

Dois – Vamos sentir a falta dele, vais ver.

Um – Sim, porque nada garante que o próximo... Sabemos o que temos, não o que vamos encontrar.

Dois – Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

Um – Mesmo assim, era um Papa progressista.

Dois – Era a favor da paz mundial e do amor entre os homens.

Um – Sim, bem, o amor entre os homens...

Dois – É verdade que era contra o casamento gay.

Um – Também era contra o preservativo, mesmo para se proteger da SIDA.

Dois – E contra o aborto, mesmo em casos de violação ou incesto.

Um – Mas enfim... Era um Papa progressista... em comparação com os seus antecessores.

Dois – É verdade que a Igreja evoluiu bastante em muitas questões.

Um – Já não condena as bruxas à fogueira.

Dois – Sim... Hoje em dia, as bruxas podem circular livremente.

Um – Ou até criar o seu próprio negócio.

Dois – A Igreja renunciou às cruzadas.

Um – Já não promove abertamente as guerras religiosas.

Dois – Embora a religião continue a ser a causa da maioria das guerras.

Um – A Igreja defende um cessar-fogo no Médio Oriente.

Dois – Há quase um século. Sem resultados, mas enfim...

Um – O importante é a intenção.

Dois – Dizem que o caminho para o inferno está pavimentado de boas intenções.

Um – A Igreja renunciou aos Tribunais da Inquisição.

Dois – Sim. Hoje em dia, um cientista pode afirmar livremente que a Terra gira à volta do sol sem o risco de acabar na prisão, como Galileu.

Um – Não é um progresso?

Dois – Sim...

Um – Os atores já não são excomungados.

Dois – Têm o direito de ser enterrados no cemitério.

Um – Isso também é um progresso, não achas?

Dois – E a Igreja também evoluiu bastante no que toca à política.

Um – Sim. Em caso de golpe de Estado, a Igreja já não apoia sistematicamente a ditadura. Como na Itália de Mussolini, na Espanha de Franco, no Chile de Pinochet ou na Argentina de Videla...

Dois – É verdade que já não há tantos golpes de Estado como antes, mas enfim...

Um – Também em questões sociais...

Dois – A Igreja continua a proibir a ordenação de mulheres e a manter o celibato sacerdotal, mas...

Um – Finalmente aceita repreender discretamente os padres que cometeram abusos sexuais de menores.

Dois – Depois do prazo de prescrição, mas enfim... é um começo.

Um – E propõe indemnizar generosamente as vítimas com as ofertas dos fiéis.

Dois – Não se pode dizer que a Igreja não evolua, mas...

Um – Também não se pode dizer que esteja à frente do seu tempo...

Dois – Não, isso também não se pode dizer.

Um – Digamos que está apenas um ou dois séculos atrasada.

Dois – Depois de meia dúzia de papas progressistas, talvez um dia consiga pôr-se em dia.

Um – Em todo o caso, este acabou de morrer.

Dois – Esperemos que não seja substituído por outro um pouco mais conservador, porque a este ritmo...

Um – Sim, não sairemos do atoleiro.

Dois – Imagina o que seria depois de meia dúzia de papas tradicionalistas.

Um – Já hoje em dia, nos Estados Unidos, alguns afirmam que a Terra é plana e que os primeiros homens viveram ao lado dos dinossauros.

Dois – Sim, se voltarmos à tradição, como na Polónia, as bruxas e os médicos que praticam o aborto teriam razões para se preocupar.

Um – Dizem que não há fumo sem fogo... No que diz respeito à feitiçaria, para a Igreja, mais vale dizer que não há fogo sem fumo.

Dois – Enquanto isso, só resta esperar pelo fumo branco...

Um – Agora incineram os papas?

Dois – O fumo branco! Aquele que anuncia a eleição do novo papa!

Um – Ah, sim... Esperemos que seja outro papa progressista.

Dois – Queres dizer um velho celibatário e senil, eleito por uma centena de senhores idosos de túnica... que dizem às jovens mulheres o que não podem fazer com o seu corpo?

Um – Sim, não parece muito promissor...

Dois – Acreditarei no progressismo da Igreja quando o fumo for cor-de-rosa. Para anunciar que o novo papa é uma mulher.

Escuridão.

3 – As abelhas

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Tens uma vespa pousada na orelha.

Dois – Oh, meu Deus! Sou alérgico a picadas de vespa. Da última vez, acabei nas urgências. Quase morri.

Um – Pois. Por isso é que te disse para não entrares em pânico.

Dois – Então, o que faço?

Um – Sobretudo, não faças movimentos bruscos. Talvez ela vá embora, da mesma forma que veio.

Dois – Já está, agora sinto-a.

Um – Sim, mexeu-se. Parece que está a tentar entrar na tua orelha.

Dois – Mas isso é horrível...

Um – Sim, é absolutamente aterrador.

Dois – Preferia quando me dizias para não entrar em pânico.

Um – Sim, mas agora sou eu que estou a entrar em pânico...

Dois – Devias dizer à vespa para não entrar em pânico. Porque se ela entrar em pânico, vai picar-me.

Um – Já não a vejo.

Dois – Foi-se embora?

Um – Ou entrou na tua orelha. Sentes alguma coisa?

Dois – Não...

Um – Ah, vejo-a sair.

Dois – Ainda bem que não decidi fazer um ninho de vespas na minha orelha.

Um – As vespas fazem mel?

Dois – Não. De certeza que é por isso que perdoamos menos quando picam as pessoas.

Um – Se te serve de consolo, se ela te picar, também morre.

Dois – Desculpa?

Um – As vespas morrem depois de picar, não é?

Dois – Acho que são as abelhas que morrem depois de picar.

Um – De que serve picarem para se defenderem se depois morrem?

Dois – Deve ser para defender a colmeia, suponho. A abelha é um inseto social. É uma espécie de sacrifício.

Um – Como um soldado que se sacrifica para salvar o seu país.

Dois – Ainda bem que nem todos os soldados morrem depois de disparar um tiro.

Um – Sacrificar-te-ias para me salvar?

Dois – Deveria dizer que sim, mas a verdade é que não sei.

Um – Pelo menos é honesto da tua parte.

Dois – Onde está a vespa?

Um – Está a esfregar as mãos. Quer dizer, as patas. Como as abelhas depois de sugar uma flor.

Dois – É a primeira vez que uma vespa me suga.

Um – E olha que não produzes pólen.

Dois – Ainda bem. Também sou alérgico ao pólen.

Um – Tens a certeza de que as vespas não fazem mel?

Dois – Sim. Mas as orelhas produzem cera.

Um – Deve ser por isso que ela está a esfregar as patas.

Dois – Tens a certeza de que não é uma abelha?

Um – Não sei. Sim, talvez seja uma abelha. (Aproximando-se) Oh, meu Deus! Parece que está a tirar o seu...

Dois – O quê?

Um – O seu ferrão!

Dois – Vou morrer...

O outro dá-lhe um estalo magistral na orelha.

Um – Desculpa...

Dois – Mas tu estás louco!

O outro olha para o chão.

Um – Ufa! Está morta. Sinto-me um pouco mal. Sobretudo se era uma abelha.

Dois – Ao mesmo tempo... era ela ou eu.

Um – Sim...

Dois – Em suma, salvaste-me a vida.

Um – Sim...

Dois – O quê?

Um – Digo que sim...

Dois – Não ouço nada. Achas que ela me picou na mesma? Acho que a minha orelha está a inchar e ouço um zumbido...

Um – Não te preocupes, deve ser da bofetada...

Dois – Tens a certeza?

Um – Não... Disse isso para te acalmar. Mas talvez fosse melhor chamar as urgências...

Escuridão.

4 – Invasão

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Acabaram de anunciar na rádio que uma nave espacial de origem desconhecida acabou de entrar em órbita ao redor da Terra.

Dois – Mas quando dizes de origem desconhecida, queres dizer que não se sabe de que país foi lançada?

Um – Ao que parece, não se sabe mesmo de que planeta vem...

Dois – Não?

Um – Foi o que disseram na rádio.

Dois – E têm a certeza?

Um – É um artefacto do tamanho da Torre Eiffel. Nenhum país na Terra é capaz de lançar para o espaço uma nave desse tamanho.

Dois – A Torre Eiffel? Isso é uma piada...

Um – O tamanho da Torre Eiffel! Não te disse que é uma nave parecida com a Torre Eiffel.

Dois – Ah, certo... Não, porque um OVNI com forma de Torre Eiffel, em órbita ao redor da Terra...

Um – Então, não ficas assim tão surpreendido?

Dois – Sim, sim, claro... É uma loucura... E já disseram alguma coisa?

Um – Quem?

Dois – Os marcianos, digo... os extraterrestres.

Um – Por enquanto, não. Estamos à espera que se manifestem.

Dois – Vê lá... E o que fazemos?

Um – Como assim, o que fazemos? O que queres que façamos?

Dois – Não sei...

Um – Além de esperar...

Dois – Talvez devêssemos fazer algumas compras.

Um – Compras? Os marcianos estão a chegar e tu queres ir às compras!

Dois – Falo de fazer provisões. Encher o frigorífico. Levantar algum dinheiro no multibanco.

Um – Achas?

Dois – Não sei. Temos de fazer alguma coisa...

Um – Se toda a gente fizer o mesmo que nós, vai ser o caos.

Dois – Sim... Mas se não fizermos o mesmo que os outros, amanhã não teremos nada para comer.

Um – O que achas que eles querem?

Dois – Como é que eu vou saber? Talvez o mesmo que Cristóvão Colombo quando chegou à América.

Um – Isso não é muito tranquilizador, então.

Dois – Achas?

Um – Os espanhóis exterminaram os índios americanos e forçaram os poucos sobreviventes a converterem-se ao catolicismo.

Dois – Achas que esses extraterrestres vão obrigar-nos a converter-nos à religião deles?

Um – Se a civilização deles é suficientemente avançada para ter chegado até aqui, suponho que já superaram essas tolices.

Dois – Sim...

Um – Mas no que toca a exterminar-nos e ocupar o nosso lugar... é, infelizmente, uma possibilidade séria.

Dois – A menos que nos reduzam à escravidão, como os brancos fizeram com os africanos.

Um – Ou que nos prendam em jaulas para nos engordarem e comerem, como fizemos com os descendentes dos dinossauros.

Dois – Os descendentes dos dinossauros?

Um – As galinhas!

Dois – As galinhas são descendentes dos dinossauros?

Um – Não sabias?

Dois – Não.

Um – Ou que nos coloquem em zoológicos para que os filhos deles se divirtam a atirar-nos amendoins aos domingos.

Dois – No fundo, tudo o que os extraterrestres nos possam fazer, o Homem já fez a outros homens.

Um – Ou aos animais.

Dois – Sim... Se eles forem tão inteligentes, é de temer que nos vejam como animais sociais pouco evoluídos.

Um – Como nós vemos as abelhas, enfim.

Dois – Exceto que nós não fazemos mel.

Um – Não, somos mais do tipo que corta o galho em que está sentado.

Dois – Como as térmitas, que roem as vigas até que o teto da casa lhes caia em cima.

Um – Tens razão. Acho que vamos às compras para encher o congelador.

Dois – Sim, não me surpreenderia se, no mínimo, tivérmos outro confinamento.

Um – Vamos fazer stock de papel higiénico também, por via das dúvidas.

Dois – Tens razão. Se os extraterrestres nos comerem, pelo menos que tenhamos o rabo limpo...

Um – Vou buscar o cartão de crédito...

Escuridão.

5 – Voyeuristas

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – Sinceramente, não posso prometer nada.

Um – Acabei de descobrir que o vizinho é voyeur.

Dois – Que vizinho?

Um – O da frente, ali!

Dois – Não vejo nada.

Um – A janela, ali.

Dois – Está a pelo menos cem metros. Como é que consegues ver que ele está a observar-nos?

Um – Com um telescópio.

Dois – O vizinho está a observar-nos com um telescópio?

Um – Não, não o vizinho, eu! Usei um telescópio. Caso contrário, como queres que veja daqui que ele está a observar-nos?

Dois – Ou seja, espreitaste o vizinho com um telescópio para descobrires que ele estava a espreitar-nos.

Um – Sim.

Dois – E ele, como faz para nos ver de tão longe?

Um – Com uns binóculos.

Dois – Certo... Então tu observas com um telescópio um voyeur que te está a olhar com binóculos.

Um – Caso contrário, como queres que veja que ele está a espiar-nos?

Dois – Tira-me uma dúvida. Da primeira vez que o observaste com o telescópio, ele já estava a olhar para ti com os binóculos, ou foi depois?

Um – Depois, acho eu.

Dois – Certo...

Um – Já vejo o que queres dizer...

Dois – Talvez, ao ver o reflexo do teu telescópio, ele se tenha perguntado se alguém o estava a observar. E como não via nada, foi buscar os binóculos.

Um – Nesse caso, o voyeur seria eu.

Dois – É uma possibilidade séria...

Um – Ou talvez sejamos os dois voyeurs.

Dois – Agora pensa... um voyeur que observa outro voyeur... Isso ainda é voyeurismo?

Um – Acho que tenho de largar o telescópio.

Dois – Parece-me que sim.

Um – Por outro lado... já não saberei se ele continua a observar-nos.

Escuridão.

6 – O Rei dos Idiotas

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Donald Trump acaba de ser eleito presidente dos Estados Unidos.

Dois – Donald Trump? Mas eu pensava que...

Um – Donald Trump Junior.

Dois – Certo... Então, começa de novo.

Um – Sempre me perguntei por que os idiotas têm tanto sucesso na política. A tal ponto que fundam dinastias...

Dois – O problema com os idiotas é que a maioria dos eleitores se reconhece neles.

Um – E que os idiotas têm pouca memória.

Dois – É verdade que Hitler não deixou uma boa lembrança, e, no entanto, ainda hoje existem nazis.

Um – Donald Trump Senior também não deixou uma boa lembrança. O filho prometeu que tinha aprendido com os erros do passado, mas enfim...

Dois – Os ditadores são como os aiatolás ou os papas, mesmo quando se dizem progressistas, sempre há muito espaço para melhorar.

Um – Por isso, ao longo da história, as religiões sempre se deram bem com as ditaduras.

Dois – A menos que sejam os religiosos a tomar o poder para instaurar uma teocracia.

Um – Como no Irão ou no Vaticano.

Dois – O Vaticano é uma teocracia?

Um – Bem... Acho que sim, não?

Dois – Que outra coisa poderia ser o Vaticano se não uma teocracia?

Um – Não sei... Um paraíso fiscal?

Dois – Sim. Na verdade, já é, não é?

Um – Achas?

Dois – Ninguém paga impostos no Vaticano, certo?

Um – Então, de onde vem todo esse dinheiro?

Dois – Têm um vasto património imobiliário espalhado pelo planeta, e o banco do Vaticano possui muitos ativos financeiros.

Um – É um paraíso fiscal, digo-te. Já nadam em ouro, e os pobres de todo o mundo enviam-lhes doações.

Dois – Ora... Encontraram a mina de ouro. Só lhes falta um casino, um clube de futebol e um campo de golfe.

Um – Quanto ao golfe, o Papa já tem o carrinho.

Dois – É verdade que um campo de golfe ou um estádio de futebol na Praça de São Pedro teria o seu charme...

Um – Antes, a Igreja vendia indulgências para que os ricos fossem admitidos diretamente no Paraíso, apesar dos seus pecados. O Papa podia vender passaportes para o seu paraíso fiscal.

Dois – Como o Príncipe do Mónaco.

Um – Se eu fosse o Príncipe do Mónaco, também fundaria uma religião. Já tem o casino e o clube de futebol.

Dois – E os pobres de todo o mundo enviavam-lhe as suas poupanças.

Um – Dito isto, preferia estar no lugar do Príncipe do Mónaco do que no do Papa.

Dois – Ah, sim...?

Um – Prefiro casar-me com a Grace Kelly do que passar a vida de batina.

Silêncio.

Dois – Ainda assim, Donald Trump Junior... Não é inacreditável?

Um – Olha, na América já tiveram Bush filho depois de Bush pai.

Dois – Em nome do Pai, do Filho, e por que não do Neto? Mais vale colocar no trono o Rei dos Idiotas e restabelecer a monarquia hereditária.

Um – Sim... Realmente tratam as pessoas como idiotas.

Dois – No fundo, não será que as pessoas são mesmo idiotas?

Um – Em todo o caso, isso não aconteceria neste país. Não gostamos muito de poder hereditário.

Dois – Infelizmente, na política, a idiotice nem sempre se transmite diretamente de pais para filhos.

Um – Por isso, no final, aconteça o que acontecer, estamos sempre a ser governados pelo Rei dos Idiotas.

Escuridão.

7 – Naufrágio

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Há um metro de água na bodega.

Dois – Disseste há pouco que mal havia dez centímetros.

Um – Sim. Mas agora tenho água até acima do joelho.

Dois – Oh, meu Deus! Isso significa que estamos a afundar?

Um – Por isso é que te disse para não entrares em pânico.

Silêncio.

Dois – Ao mesmo tempo, estamos apenas num canalzinho. Não é como se fosse o naufrágio do Titanic.

Um – Não.

Dois – No pior dos casos, vamos parecer uns idiotas.

Um – Sim... Já há muita gente a olhar para nós.

Dois – Vai ver de novo na bodega.

Um – Está bem.

O outro desaparece. O segundo sorri, tentando manter a compostura. O primeiro volta.

Dois – E então?

Um – Agora a água chega-me ao pescoço.

Dois – Sim, noto que estamos a afundar...

Dois – O convés do barco já está debaixo de água.

Um – É tarde demais para voltar para a margem.

Dois – Então, o que fazemos?

Um – Cada vez há mais gente a olhar para nós...

Dois – Vamos ao menos tentar manter a dignidade.

Um – Tens razão.

Dois – Sorri!

Um – Estou a fazer o meu melhor...

Escuridão.

8 – Quimeras

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Acabei de ver um unicórnio passar.

Dois – Os unicórnios são perigosos?

Um – Que eu saiba, não.

Dois – Então não há razão para entrar em pânico.

Um – Sim... Além disso, parecia mais assustado. Fugiu assim que me viu.

Dois – Talvez nunca tenha visto um ser humano antes. A primeira vez deve ser impactante.

Um – Claro. Se lhe tivessem repetido a vida toda que os humanos não existem. E de repente vê-nos.

Dois – Deve ter ficado em choque.

Um – Mas mesmo assim... O que fazia aquele unicórnio ali? Humanos e unicórnios não deviam encontrar-se, certo?

Dois – Não, é estranho.

Um – Sim...

Dois – Ontem, na praia, vi uma sereia.

Um – Uma sereia?

Dois – Não, não na praia, deitada numa toalha... Na água!

Um – Como soubeste que era uma sereia, se estava na água?

Dois – Estava a fazer mergulho. Ia atrás de uma lula, e de repente dou de caras com uma sereia.

Um – Ela deve ter ficado surpreendida.

Dois – Sim. Tal como o teu unicórnio.

Um – E o que te disse?

Dois – Nada. Olhou para mim com os olhos bem abertos e depois afastou-se a nadar tranquilamente.

Um – É uma loucura.

Dois – Sim. Não achas que este tipo de encontros está a tornar-se cada vez mais frequente?

Um – Deve ser por causa das mudanças climáticas.

Dois – Ontem, num bar, um tipo contou-me que tinha visto um dragão.

Um – Um dragão?

Dois – Não sei se será verdade.

Um – Mas um dragão que cospe fogo?

Dois – Não me ocorreu perguntar.

Um – A sério, em que mundo vivemos, juro-te.

Dois – Sim... Olha, agora mesmo, se eu visse passar à minha frente um centauro ou uma harpia, já não me surpreenderia tanto.

Um – As harpias são menos raras do que as sereias, não achas?

Silêncio.

Dois – A propósito, a tua viagem a Roma correu bem?

Um – Muito bem. Até vi o Papa.

Dois – Conheceste o Papa?

Um – Não, não me concedeu uma audiência privada. Vi-o passar no meio da multidão na Praça de São Pedro.

Dois – Que sorte... E como estava?

Um – De túnica, uma solidéu na cabeça e um tubo no nariz. Num tipo de carro de golfe.

Dois – Ah, já.

Um – Tive uma sorte incrível de visitar o Vaticano exatamente nesse dia. No dia seguinte, morreu.

Dois – Ah, sim, que sorte...

Um – Infelizmente, não pude ficar para o funeral. Com as companhias aéreas low-cost, os bilhetes não são modificáveis.

Dois – Também não há milagres, não é?

Um – Pois... (Uma pausa) Olha, o unicórnio acabou de passar outra vez...

Dois – Talvez acabe por se habituar à nossa presença.

Escurecimento.

9 – Crânio

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Encontrei um crânio no jardim.

Dois – Um crânio? Queres dizer...?

Um – Um crânio humano, sim.

Dois – Mas, como é possível...?

Um – Estava a cavar um buraco para plantar aqueles bambus que comprámos no mercado. E dei de caras com um crânio.

Dois – É inacreditável... E tens a certeza de que é um crânio humano?

Um – Havia um telemóvel mesmo ao lado.

Dois – Então não são restos muito antigos. Quero dizer, não é o crânio de um homem de Neandertal. Era um modelo recente?

Um – O crânio?

Dois – O telemóvel!

Um – Ah... Eh... Não sei... É um iPhone. (Estende o telemóvel) Toma, aqui está.

O outro hesita antes de pegar no telemóvel.

Dois – Apanhaste o telemóvel?

Um – Preferias que te trouxesse o crânio?

Dois – Não sei... Isto é uma cena de crime, não é?

Um – Um crime? Achas?

Dois – Como é que alguém acaba enterrado no fundo de um jardim com o seu telemóvel, se não for um crime?

Um – É verdade.

Dois – E, sobretudo, como é que enterraram um cadáver no nosso jardim sem que nos apercebêssemos?

Um – Só estamos nesta casa há dois anos. De certeza que é dos antigos proprietários.

Dois – Talvez seja a mulher dele.

Um – Porquê a mulher?

Dois – Não é ele, porque o vimos na conservatória.

Um – É verdade que nesse dia não vimos a mulher.

Dois – Daí a concluir que é porque ele a tinha enterrado no jardim...

Um – Não faz sentido. Ninguém vende uma casa depois de enterrar a mulher no jardim. Mais cedo ou mais tarde descobrir-se-ia.

Dois – Então o quê?

Um – Teríamos de datar o cadáver. Que modelo de iPhone é?

Dois – Tem um pouco de terra, mas... É o último modelo.

Um – Não...

Dois – Isso significa que este cadáver foi enterrado muito recentemente.

Um – Merda...

Dois – Devíamos avisar a polícia.

Um – Sim, mas podemos meter-nos num sarilho.

Dois – Num sarilho...?

Um – E se nos acusam deste crime?

Dois – Agora que encontramos o crânio, não podemos fingir que não vimos nada.

Um – Achas?

Dois – Ocultação de cadáver. Não denunciar um crime... É grave.

Um – Está bem... Vamos ligar para a polícia.

Dois – Então vai lá.

Um – Não sei onde deixei o meu telemóvel...

O telemóvel encontrado junto ao crânio começa a tocar. Ambos ficam paralisados.

Dois – Não pode ser... Isto é um pesadelo.

Um – Quem será?

Dois – Sei lá...

Um – Talvez o assassino.

Dois – O que fazemos?

Um – Atende...

Dois – Alô...? Sim... Sim, passo-te... É a tua mãe.

Um – Mãe... Posso ligar-te mais tarde...? Está bem...

Dois – Então é o teu telemóvel.

Um – Deve ter-me caído do bolso quando me baixei para ver o crânio.

Dois – Pois... E tens a certeza de que é um crânio humano?

Um – Bem... Foi o que pensei quando vi o telemóvel. Mas agora já não tenho tanta certeza.

Dois – Vamos dar uma vista de olhos.

Um – Está bem.

Dois – Acho que me lembro de ele dizer na conservatória que tinha acabado de enterrar o cão.

Um – Na altura não liguei, mas agora que dizes isso...

Dois – Simplesmente esqueceu-se de dizer que o tinha enterrado no jardim.

Um – Sim.

Dois – Mesmo assim, entre um crânio de cão e um crânio humano... Não é a mesma coisa.

Um – Devia ser um cão grande.

Dois – Ou talvez... um crânio de criança?

Um – Achas?

Dois – A boa notícia é que recuperaste o teu telemóvel.

Um – Sim...

Escuridão.

10 – O segredo do universo

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Acabaram de anunciar no Facebook. Uns cientistas chineses descobriram finalmente o segredo último do universo.

Dois – O segredo último do universo?

Um – Sabes! De onde viemos? Para onde vamos? Por que é que há algo em vez de nada?

Dois – O quê?

Um – O Big Bang, os buracos negros, a antimatéria...!

Dois – E então?

Um – Pois que tudo isso, na realidade, não existe.

Dois – Ah, já...

Um – Somos personagens fictícios de um gigantesco videojogo, criado por uma inteligência artificial para distrair as crianças de uma civilização muito avançada.

Dois – Cientistas chineses...?

Um – Chineses, sim.

Dois – No Facebook?

Um – E o que é que isso muda?

Dois – Nada.

Um – E isso é tudo o que te provoca?

Dois – O quê?

Um – Isto! O facto de sermos personagens de ficção num videojogo! Não parece surpreender-te.

Dois – Sempre suspeitei disso.

Um – Sempre suspeitaste?

Dois – Sim, eu sabia... E tu não?

Um – Não... E se sabias... por que não me disseste?

Dois – Pensei que tu também soubesses.

Um – Pois não, vê lá, não sabia.

Dois – Bem... agora já sabes. E o que vamos comer?

Um – O que vamos comer?

Dois – Estou com uma fome enorme, e tu não?

Um – Pelo menos, isso não te tira o apetite.

Dois – E o que vamos comer?

Um – Com tudo isto, não tenho vontade de cozinhar. Vou pedir comida chinesa.

Dois – Está bem...

Um – Mas se somos personagens de ficção, como é que podemos ter fome?

Dois – Os jogos de hoje estão muito bem feitos, sabes. As personagens são muito realistas. Conseguem até fazer sentir todo o tipo de emoções.

Um – Achas?

Dois – Olha para os homens pré-históricos. Há uns milhares de anos, tudo era bastante rudimentar. Tinhas fome, matavas um mamute e comias cru. Querias companhia para jantar, acertavas numa mulher e levavas-a para a caverna puxando-a pelo cabelo. Agora...

Um – Casas-te, ligas para o Uber Eats e pedes comida chinesa.

Dois – Atualizam-nos regularmente. À medida que a tecnologia e o jogo evoluem.

Um – Nunca tinha percebido tudo isso.

Dois – No entanto, é bastante evidente.

Um – Sim...

Dois – E como descobriram os chineses?

Um – Perceberam que havia uma falha no jogo.

Dois – Uma falha? Que falha?

Um – Pois é. Num momento do jogo, as personagens apercebem-se de que são personagens de um videojogo.

Dois – Certo. Então não fui o primeiro a dar por isso.

Um – Não.

Dois – E essa falha, vão corrigir?

Um – Não se sabe...

Dois – Agora bem... será mesmo uma falha?

Um – Como assim...?

Dois – Talvez faça parte do jogo.

Um – Entendo... As próprias personagens atingem uma forma de consciência de si mesmas e percebem que foram criadas por uma potência superior.

Dois – Sim...

Um – E Deus, no meio disto tudo?

Dois – Einstein disse que Deus não joga aos dados. Não disse que não jogava a videojogos.

Escuridão.

11 – Os heróis

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – Como se eu fosse do tipo que entra em pânico?

Um – O teu atacador está desatado.

Dois – Oh, meu Deus! Salvei-me por um triz...

Um – Sim, podias ter-te matado.

Dois – Piso o atacador com o outro pé, tropeço, caio para a linha e o metro passa-me por cima.

Um – Ainda bem que estamos na nossa sala, mas enfim...

Dois – Resumindo, salvaste-me a vida.

Um – Salvar a vida é um pouco exagerado, mas... Sim, pode-se dizer isso.

Dois – Não, não, mereces uma medalha.

Um – Talvez não a Legião de Honra, mas...

Dois – Alguns já a receberam por menos que isso.

Um – Políticos corruptos, narcotraficantes, padres pedófilos...

Dois – Pelo menos nós não fizemos mal a ninguém.

Um – Não somos heróis, mas... é porque nunca tivemos oportunidade.

Dois – Não tivemos sorte, é o que é.

Um – Nascemos em tempos de paz. Contra o quê poderíamos ter resistido?

Dois – Resistimos às intempéries.

Um – Resistimos à tentação, às vezes.

Dois – Tens razão, somos heróis, mas ainda não tivemos a oportunidade de o provar.

Um – O que precisávamos era de uma boa guerra. Assim, toda a gente veria quem somos realmente.

Silêncio.

Dois – Se eu caísse à água, atiravas-te para me trazer para a margem?

Um – Não sei nadar.

Dois – Pois... Então é melhor não.

Um – E tu, sabes nadar, não?

Dois – Sim.

Um – Imagina. Tu caís à água, eu salto para te salvar e acabas por ser tu a ter que me levar para a margem.

Dois – Sim, seria um disparate.

Silêncio.

Um – Mas ainda assim, eu avisei-te que o teu atacador estava desatado.

Dois – Sim.

Um – Além disso, devias atar o raio do atacador, porque se eu te digo e deixas assim...

Dois – Tens razão, tenho que o fazer. Mas não consigo baixar-me.

Um – Eu atava-to, mas... também não consigo baixar-me.

Dois – Pergunto-me se para nós já é demasiado tarde.

Um – Demasiado tarde?

Dois – Para nos tornarmos heróis!

Escuridão.

12 – Ressurreição

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Cruzei-me com o senhor Martins no supermercado.

Dois – O senhor Martins? Mas não é possível! Enterrámo-lo na semana passada...

Um – Por isso é que te pedi para não entrares em pânico. Mas digo-te que quando o vi, o coração deu-me um salto.

Dois – Tens a certeza de que era ele?

Um – Acenou-me de longe. Mas era ele, juro-te! Vi-o como te estou a ver agora.

Dois – E disse alguma coisa?

Um – Fiquei tão paralisado que nem me atrevi a aproximar-me.

Dois – Não pode ter ressuscitado, de qualquer forma.

Um – Sobretudo porque foi cremado.

Dois – Sim... A cremação torna a ressurreição dos corpos muito menos provável.

Um – Imagina que tivessem cremado Jesus Cristo depois da crucificação.

Dois – Seria muito menos credível que saísse do túmulo três dias depois.

Um – Imagina Jesus Cristo a sair da urna...

Dois – Como um génio a sair da lâmpada.

Um – Sim, isso daria ao cristianismo um toque mais oriental.

Dois – Não sei se essa história teria tido tanto sucesso.

Um – Bem, de qualquer forma, essa não é a questão.

Dois – E qual é a questão, então?

Um – O senhor Martins foi cremado, e acabei de cruzar-me com ele na secção dos congelados do supermercado! Essa é a questão.

Dois – Não pode ser um milagre. Por que é que Deus, se existe, ressuscitaria o senhor Martins?

Um – Sim, até porque não era propriamente um génio.

Dois – Podia-se dizer que era um idiota. E ninguém mais no supermercado pareceu surpreendido?

Um – Até ouvi a caixa dizer-lhe: «Olá, senhor Martins, como está hoje?»

Dois – Nesse caso, só vejo uma solução. O senhor Martins não está morto.

Um – Não está morto? Mas então... quem enterrámos na semana passada?

Dois – Vai-se lá saber.

Um – Mas recebemos um aviso fúnebre, não foi?

Dois – Sim.

Um – E onde está esse aviso?

Dois – Isso... Não o guardei. Se tivesse que guardar todos os avisos que recebo...

Um – É verdade que, à nossa idade, recebemos cada vez mais avisos fúnebres.

Dois – Sobretudo avisos de falecimento.

Um – Então, o senhor Martins não está morto.

Dois – Ao que parece, não.

Um – Mas então, quem morreu?

Dois – Não faço ideia.

Um – Estás a perceber? Alguém do nosso círculo morreu, fomos ao funeral, e não sabemos quem é!

Dois – Sim. Alguém suficientemente próximo para nos terem enviado um aviso.

Um – E como não guardaste o aviso, já não há maneira de saber quem é...

Dois – Isso é um problema... Imagina que nos cruzamos com a vizinha de baixo e perguntamos pelo marido. Quando, na verdade, estivemos no funeral dele há uma semana.

Um – E como o cremámos, nem sequer podemos ir ver o nome na campa.

Dois – Sim... Conhecia a campa do soldado desconhecido, mas isto... Sabemos que o morto é alguém que conhecemos, mas não sabemos quem...

Um – De qualquer forma, não é o senhor Martins. Acabei de vê-lo no supermercado.

Dois – O que podemos fazer é uma lista de todas as pessoas que vimos. No final, quem não voltarmos a ver será provavelmente quem morreu.

Um – Vamos fazer assim...

Dois – Começemos agora. Quem mais viste no supermercado?

Escuridão.

13 – Aperitivo

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Convidei os vizinhos para um aperitivo.

Dois – Não...? Não fizeste isso?

Um – Não sei o que me deu... Cruzámo-nos nas escadas. Não sabia o que lhes dizer. Começámos a falar do tempo. A certa altura, já não sabia do que falar. Estava muito desconfortável. E de repente ouvi-me dizer: «Um dia destes, têm de vir cá a casa tomar um aperitivo».

Dois – E o que responderam?

Um – Responderam sem hesitar: «Por que não sábado à noite?».

Dois – Sábado à noite?

Um – Sábado à noite...

Dois – E o que disseste?

Um – Disse... está bem.

Dois – Não?

Um – Pareciam encantados.

Dois – Mas nunca convidámos ninguém para um aperitivo!

Um – Não.

Dois – Como vamos fazer?

Um – Não sei.

Dois – Como é que as pessoas fazem?

Um – Não faço ideia. Também nunca ninguém nos convidou para um aperitivo.

Dois – Acho que uma vez fomos convidados, mas dissemos que não podíamos.

Um – Sim... Ficámos em pânico...

Dois – Um aperitivo... Não sei como vamos sair desta.

Um – Primeiro precisamos de algo para beber.

Dois – Tipo o quê?

Um – Para o aperitivo... Acho que as pessoas bebem whisky.

Dois – Whisky, achas? E onde vamos arranjar isso...?

Um – E algo para petiscar.

Dois – Azeitonas, talvez? Uma vez, num bar, vi pessoas a comer azeitonas enquanto bebiam whisky.

Um – Azeitonas... Pretas ou verdes?

Dois – Devias ter perguntado o que preferem.

Um – Sempre posso ligar-lhes.

Dois – Tens o número deles?

Um – Não sei o que me deu, já te disse. Dei-lhes o nosso número e eles deram-me o deles.

Dois – Deste o nosso número de telefone?

Um – Um impulso...

Dois – Vamos sair desta, não entres em pânico.

Um – No pior dos casos, sempre podemos fugir sem deixar morada e mudar de número de telefone.

Dois – Até sábado?

Um – Que dia é hoje?

Dois – Sexta-feira.

Um – Vai ser apertado...

Dois – Além disso, acabámos de nos mudar. Da última vez, tivemos de nos mudar para escapar à festa dos vizinhos. E agora convidas os novos vizinhos para um aperitivo!

Um – Eu sei... Tenho vergonha...

Dois – Bem, vamos apoiar-nos mutuamente, certo? Estamos casados, afinal. Para o melhor e para o pior.

Um – Então, não vamos mudar?

Dois – Um aperitivo... Não pode ser assim tão terrível.

Um – Achas?

Dois – Não. Estava a dizer para te acalmar.

Um – Vou perguntar ao ChatGPT como se organiza um aperitivo entre amigos.

Dois – Entre amigos?

Um – Digamos com os vizinhos do lado.

Dois – Não te esqueças de perguntar sobre as azeitonas...

Um – As azeitonas...?

Dois – Pretas ou verdes!

Um – Também vou pedir uma lista de temas de conversa.

Dois – De acordo. Enquanto isso, vou procurar uma empresa de mudanças e um guarda-móveis.

Um – Sim... Para o caso de entrarmos mesmo em pânico...

Escuridão.

14 – O tempo

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – Quase não tenho coragem de te dizer.

Dois – Já estou a começar a entrar em pânico.

Um – Esta noite muda a hora.

Dois – Não? Tens a certeza de que é esta noite?

Um – Disseram na rádio.

Dois – Mas então... temos de adiantar o relógio uma hora ou atrasá-lo uma hora?

Um – Por isso é que te pedi para não entrares em pânico.

Dois – O que mais?

Um – Este ano não é uma hora, são duas horas.

Dois – Não? Querem matar-nos!

Um – Para o ano serão três horas... e assim sucessivamente.

Dois – Vamos tomar o pequeno-almoço ao anoitecer...

Um – E vamos dormir quando o sol nascer.

Dois – Vai ser o mundo ao contrário.

Um – Vamos viver à hora de Washington ou de Tóquio.

Dois – Tudo depende se adiantamos o ponteiro ou o atrasamos.

Um – E então?

Dois – Pois ainda não sei... Dizem que vamos ganhar duas horas de sono.

Um – Ganhar duas horas de sono...? O que significa isso?

Dois – Que nos vamos levantar mais tarde, suponho.

Um – Não percebo nada. Sobretudo porque eles fazem sempre isso no sábado à noite, e de qualquer forma, ao domingo, levantamo-nos sempre mais tarde.

Dois – Estou-te a dizer que querem matar-nos.

Um – Não podiam esperar que todos os velhos morressem para mudar a hora?

Dois – Não é quando estivermos mortos que nos vamos levantar mais tarde, isso é certo. Já não nos vamos levantar nunca.

Um – Estou farto... Já nos tiraram o Serviço da Hora Oficial.

Dois – E então?

Um – Pois que, se o Serviço da Hora Oficial ainda existisse, amanhã de manhã podíamos ligar para saber as horas e acertar o relógio.

Dois – Eu gostava do Serviço da Hora Oficial.

Um – Sim, era como ter companhia.

Dois – Às vezes, quando estava aborrecido, ligava para o Serviço da Hora Oficial. Só para ouvir a voz.

Um – Sim, com a Hora Oficial, nunca estavas sozinho. Tinhas sempre alguém com quem "falar".

Dois – Ela não respondia, mas pelo menos ouviamos o som da voz.

Um – Ao quarto sinal, serão exatamente...

Dois – Era ao quarto sinal ou ao terceiro sinal?

Um – Já não sei...

Dois – Na rádio é ao quarto sinal.

Um – Logo a seguir ao boletim meteorológico.

Dois – Estão sempre a chatear-nos com o tempo, de meia em meia hora.

Um – Como se precisássemos de saber o tempo duas vezes por hora.

Dois – Sim... Se tirassem o tempo da rádio, os programas durariam metade.

Um – E que nos importa o tempo que faz do outro lado do país?

Dois – O que queremos saber é o tempo que faz aqui.

Um – E para saber o tempo que faz aqui, basta olhar pela janela.

Dois – O tempo que faz, claro... Se nem sequer sabemos que horas são!

Um – Estou-te a dizer que estou farto.

Escuridão.

15 – Os saltimbancos

Um – Promete-me que não vais ficar nervoso...

Dois – O quê?

Um – A nossa filha acabou de me dizer que quer ser atriz.

Dois – Não?

Um – Sim.

Dois – Disse-te assim, de repente?

Um – Sim.

Dois – Não foi depois de uma discussão? Só para te contrariar...?

Um – Foi esta manhã ao pequeno-almoço. Estava a comer os cereais. Olhou para mim e disse: «Mãe, quando for grande, vou ser atriz».

Dois – Certo... Então é sério.

Um – Só tem cinco anos, mas enfim... Já a conheces, é do tipo que, quando decide uma coisa, vai até ao fim.

Dois – Meu Deus! O que fizemos para merecer isto?

Um – Fiquei sem palavras.

Dois – Mas depois tentaste fazê-la mudar de ideia, certo?

Um – Claro. Disse-lhe que não era um trabalho a sério, que nenhum banco lhe daria uma hipoteca, que nunca teria seguro de saúde privado, que ganharia uma miséria quando se reformasse...

Dois – E o que é que ela disse?

Um – Nada... Continuou a comer os cereais.

Dois – Achas que devemos castigá-la?

Um – Já a conheces, isso só reforçaria a sua determinação.

Dois – Bem, de qualquer forma... Só tem cinco anos, ainda tem tempo para mudar de ideia.

O outro olha para o telemóvel.

Um – Olha, ela acabou de me mandar uma mensagem.

Dois – Talvez seja para pedir desculpa.

Um – Pede-me para inscrevê-la numa agência de casting.

Dois – Não? Uma agência de casting? Mas nem sabe o que é!

Um – Pelos vistos sabe. Enviou-me uma lista de agências, ordenadas por preferência.

O outro parece atordado.

Dois – Criámos um monstro.

Silêncio.

Um – No fundo... tal pai, tal filha.

Dois – O que queres dizer com essa expressão tão estranha?

Um – Bem, nós os dois somos atores, não?

Dois – Sim, mas... O nosso caso é diferente. Não foi uma escolha. Não sabíamos fazer outra coisa.

Um – Sim, mas... ela vê que não fazemos nada o dia inteiro, que temos uma casa grande com piscina, um carro caro, uma empregada...

Dois – Já não se diz empregada, sabias?

Um – Ah, não?

Dois – Não é politicamente correto.

Um – Então como se diz agora?

Dois – Acho que agora se diz auxiliar de vida.

Um – Mas continua a ser uma empregada, não?

Dois – Claro.

Um – Não é mais para pessoas dependentes, uma auxiliar de vida?

Dois – Nós não sabemos fazer nada em casa... Pode-se dizer que somos pessoas dependentes, não?

Um – Acho que para gente como nós, diz-se empregada doméstica.

Dois – Pois, vamos continuar a dizer empregada.

Um – De qualquer forma, quando ela vê que não sabemos fazer nada na vida e que nos pedem autógrafos na rua, pensa que ser atriz não é assim tão má opção.

Dois – Nem todos os atores nadam em dinheiro, sabes? Não tenho a certeza de que ela saiba disso.

Um – Tens razão, devíamos mandá-la viver com um casal de atores em dificuldades, para ver o que realmente é a vida de ator.

Dois – Conheces algum?

Um – O quê?

Dois – Atores em dificuldades.

Um – Não pessoalmente, mas... Posso perguntar...

Dois – Bem, tenho de ir. Vou jogar golfe com um produtor dinamarquês que insiste que participe no próximo filme dele.

Um – E eu tenho consulta com o meu psicanalista às dez.

Dois – Juro-te... O dia começa bem...

Um – Vamos interná-la, sim.

Dois – Sim... Mas também temos de despedir a governanta.

Um – Também?

Dois – O quê?

Um – Disseste «temos de despedir a governanta». Mas vamos continuar com a empregada, não?

Dois – Claro que sim, vamos continuar com a empregada, não entres em pânico.

Um – Assustaste-me...

Escuridão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :*

*<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>*

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Maio de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-347-7

Documento para download gratuito